

Representações artísticas sobre a presença africana em Desterro (Ilha de Santa Catarina) no século XIX

Artistic representations on the African presence in Desterro (Island of Santa Catarina) in century XIX

André Fernandes Passos

andrefpassos@msn.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este estudo é uma contribuição para a história da presença africana na Ilha de Santa Catarina. A partir da análise de quatro pinturas que retrataram africanos e afrodescendentes circulando pelas ruas de Desterro no século XIX (são elas: *Uma festa de negros no Largo da Matriz de Desterro* - 1803-1804, de Tilesius Von Tilenau; *Mercado de Desterro* - 1867 e *Vista de Desterro* - 1867, de Josef Brüggemann; e *Uma rua na cidade de Desterro* - 1851, do conterrâneo, Victor Meirelles; todas obras inseridas no livro de Gilberto Gerlach, *Desterro - Ilha de Santa Catarina* - 2010), procuro, ao evidenciar a presença do negro na sociedade de Desterro, recriar o contexto local em que foram produzidas, bem como analisar o modo como os sujeitos de origem africana foram representados nestas imagens.

Palavras-chave: Africanos; Representações; Desterro; Século XIX.

Abstract: This study is a contribution to the history of the African presence on the Island of Santa Catarina. From the analysis of four paintings depicting Africans and Afro-descendants circling the streets of Desterro in the 19th century (they are: *A party of negroes in Largo da Matriz de Desterro* - 1803-1804, by Tilesius Von Tilenau; *Desterro Market* - 1867 and *View of Desterro* - 1867, by Josef Brüggemann and *A street in the city of Desterro* - 1851, by Victor Meirelles, such works are included in the book by Gilberto Gerlach, *Desterro - Ilha de Santa Catarina* - 2010) I seek to evidence the presence of the black people in the society of Desterro, recreating the local context in which they were produced and analyzing the way in which the subjects of African origin were represented in these images.

Keywords: Africans; Representations; Desterro; nineteenth century.

A invenção de uma Ilha Açoriana

Na população catarinense (a não ser nas colônias, com o alemão ou o italiano) não há quase cruzamento, sendo raro encontrar, entre ela, o tipo indígena do norte do Brasil ou o traço fisiológico do negro, que ali não prevaleceu senão insignificadamente, em pequeno número de mestiços, porque o tráfico do africano nessas plagas apareceu tardiamente, logo reprimido pelas nossas leis, e mais pelos ingleses, que de acordo com o nosso governo, perseguiram os navios negreiros até às nossas costas, aprisionando tripulações e carregamentos no próprio porto do Desterro, como várias vezes se deu¹.

¹ VARZEA, Virgílio. **Santa Catarina: A Ilha**. Florianópolis. IOESC, 1984 [1900], p. 22.



A Ilha de Santa foi inventada na literatura catarinense como o lugar por excelência da cultura açoriana. Virgílio Várzea, memorialista local, influenciou uma geração de escritores esforçados por construir uma imagem de Desterro (atual centro histórico de Florianópolis) como legitimamente açoriana. Com tal empreendimento, a literatura catarinense transformou os habitantes do litoral em figuras-símbolos da capital: pessoas que das ilhas de Madeira e Açores migraram como aventureiros e se transformaram em pescadores, agricultores, rendeiras, fazedores de farinha, artesãos. Tais autores instituíram hábitos culturais homogêneos: as festas folclóricas, o boi de mamão, farra do boi, e atribuíram exclusivamente à exaltação da cultura açoriana².

Tal empreendimento resultou na tentativa de glorificar o sucesso da colonização portuguesa em uma terra distante, longe dos grandes centros como o Rio de Janeiro e Salvador, onde o africano esteve longe de se formar maioria na composição do total da população local. O negro estaria, portanto, senão excluído totalmente desse sistema, mas, ao menos, contribuindo *insignificantemente* aos caprichos dos seus senhores. Inventou-se uma tradição para a Ilha de Santa Catarina que a caracterizou como de origem açoriana. A “açorianidade”, uma categoria de apelo identitário, utilizada por comunidades de imigrantes e descendentes de açorianos, caracterizou uma moda historiográfica na literatura catarinense, correspondente ao estudo da migração açoriana interpretada como a uniformização e a valorização de práticas e saberes atribuídos exclusivamente à indicação geográfica em Portugal. A negação do negro na literatura histórica tornou invisível a presença africana na região e sua contribuição tem sido muitas vezes subestimada.

As representações artísticas, tanto de viajantes como de pintores locais, que através da pintura reproduziram os modos de vivência e de representação hierárquica em suas obras, podem, além de lançar luz sobre sujeitos esquecidos na literatura histórica local, nos contar um pouco mais sobre a presença da população de origem africana na Ilha de Santa Catarina no século XIX, a partir da análise do modo como representaram estes sujeitos.

Reflexões teóricas e metodológicas

2 Ver, por exemplo, os resultados dos trabalhos de CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 3 ed., Florianópolis: Lunardelli, 1987; PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina**. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, 1982; PIAZZA, Walter Fernando. **A epopeia açórico-madeirense**. (1748-1756). Florianópolis: Editora da UFSC/Lunardelli, 1992. PIAZZA, Walter F. **O escravo numa economia minifundiária**. São Paulo: Resenha Universitária, [s.i.].



O lançamento do livro *História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina* foi um marco na historiografia local. A coletânea organizada pelas pesquisadoras Beatriz Gallotti Mamigoniam e Joseane Zimmermann Vidal, realizada no ano de 2013, reuniu uma série de pesquisadores interessados na história e na presença desses indivíduos na região. Ao lado dos anais dos encontros de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, o livro *História Diversa* representa uma virada no modo de olhar a história social ao longo século XIX a partir de Santa Catarina, sobretudo a partir do foco ampliado sobre as populações de origem africana e seus descendentes, que agora passam a ocupar o centro do debate na história de Santa Catarina.

Sobre o uso de imagens na escrita da história, pode-se dizer que elas foram aplicadas durante muito tempo para ilustrar caminhos e conclusões. No entanto, as imagens usadas aqui foram vistas a partir do pressuposto de que a) as imagens dão acesso não ao mundo social de forma direta, mas por intermédio das visões dos sujeitos contemporâneos daquele mundo, ou seja, são visões masculinas sobre as mulheres, de viajantes sobre as populações locais, do conterrâneo aos eventos cotidianos, do europeu sobre os africanos, etc.; portanto, não são visões neutras, mas carregadas de experiências, intenções e, por isso, precisam ser contextualizadas para que se tenha um entendimento mais amplo de sua criação e contexto; b) O testemunho ocular expresso por meio das imagens necessita ser colocado em uma série de contextos plurais, sejam culturais, políticos, econômicos, ou de outras ordens, como as convenções artísticas; c) uma série de imagens oferece um testemunho mais confiável do que imagens individuais e isoladas de seus contextos; e d) no caso de imagens, assim como de textos, é necessário ler nas entrelinhas, observando-se os menores detalhes em busca de elementos significativos³.

Sobre as representações e percepções do mundo social também considero as críticas de Roger Chartier, para quem: a) as percepções do mundo social não são de forma alguma discursos neutros; b) elas se encontram em um campo de concorrências de poder e dominação. Sobre as *representações*, este autor ressalta o trabalho de classificação da ordem hierárquica construída por meio das imagens pelos diferentes grupos e afirma que tais leituras exibem uma maneira de estar no mundo, ou seja, exibem uma posição social⁴.

Com esse aporte teórico procuro além de evidenciar a presença africana em Santa Catarina, analisar os modos como foram representados esses sujeitos na vila de Desterro,

3 O método é o mesmo sugerido por BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.

4 CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.



principal praça mercantil de Santa Catarina no século XIX, palco e época, portanto, em que as pinturas a seguir analisadas foram produzidas. Procuro também relacionar essas pinturas à dinâmica social, dos acontecimentos, do cotidiano da população de origem africana em torno do porto local.

As representações artísticas sobre a presença africana em Desterro no século XIX

A vila de Nossa Senhora do Desterro se destacava na Província de Santa Catarina por sua atividade portuária, a qual empregava grande número de pessoas e dinamizava o comércio varejista e atacadista. Os produtos provenientes de diversos portos da província eram encaminhados ao porto de Desterro e, posteriormente, reexportados para outras províncias. A farinha, seu principal gênero de exportação, era produzida em grande quantidade no litoral da província e na própria Ilha de Santa Catarina. Era na praça central da freguesia de Nossa Senhora do Desterro, nas localidades adjacentes ao porto que estava situado o porto da província, a Igreja Matriz, o prédio da Câmara e Cadeia, o Palácio de Governo, além de outros edifícios comerciais, residenciais e oficiais.

Era entre a Praça de Desterro e o porto que acontecia a vida social nesta vila, diariamente, tratando-se dos transeuntes. A praça era lugar ocupado por negras quitandeiras, escravos carregadores, e era também o lugar das lojas, dos jogos, das trocas, das sociabilidades. Na praça ocorria o mercado ambulante, as concentrações nos dias festivos, local onde senhores e pessoas livres faziam suas compras, local onde os escravos acumulavam seu pecúlio, sonhando quem sabe um dia em comprar sua liberdade, prestando todo tipo de serviço. Foi um local frequentado por pessoas que exerciam as mais variadas funções, como também de ébrios e mendigos. Foi em torno dessa praça que as representações dos africanos foram criadas e, conseqüentemente, evocaram um significado para esta população. Logo à frente, o porto, “cartão de visita” da cidade, local da entrada e saída dos produtos, o primeiro lugar onde o estrangeiro iria conhecer logo ao desembarcar na Ilha de Santa Catarina.

A vila de Desterro foi o palco onde as obras a seguir foram criadas. As obras têm pontos de vista variados. São de pessoas juridicamente iguais (livres), mas com visões de mundo bastante diferentes. Talvez o que vinha a ser rotina para um, pudesse causar certo estranhamento para outro.

Tilesius Von Tilenau, naturalista alemão que esteve em Desterro no início do século XIX, presenciou um evento festivo na Praça e o escolheu como tema de sua representação da



Ilha de Santa Catarina. Sua intenção (que talvez fosse influenciada mais por suas próprias inquietações diante do evento) era a de representar uma festa de negros no coração da cidade, em frente à Igreja⁵.

Figura 1: Tilesius Von Tilenau. Uma festa de negros no Largo da Matriz de Desterro (1803-1804).



Fonte: Acervo Ylmar Corrêa Neto.

Na imagem, o que podemos notar à primeira vista, é o grande número de africanos e afrodescendentes participando de um cortejo. Ele é aberto por uma mulher e um homem de mãos dadas, que podiam representar uma festa de coroação de reis e rainhas, típica confraternização de comunidades africanas unidas após a diáspora. Ao lado deles alguém os acompanha com uma espécie de viola, crianças rodeiam a cena como se estivessem participando de uma brincadeira. No canto direito podemos observar três pessoas em primeiro plano, uma delas aponta para o evento. Todos esses que aparecem nos cantos da imagem representam autoridades e pessoas de origem europeia que acompanham com certa distância a festividade em questão. Atrás, mais três homens executando uma salva de tiros como se

⁵ A semelhança da imagem com as festas de fim de ano na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário pode ser vista em: SILVA, Jaime José. Entre a diversão e as proibições: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti & VIDA, Joseane Zimmermann. (orgs) **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

fossem foguetes, demonstrando que soldados e autoridades estavam ali presenciando as celebrações e a salva de tiros sugere que a festa contava com o apoio de determinados setores da elite social de Desterro. Pode-se supor que era comum nas comemorações dos cativos e libertos a conveniência das autoridades locais durante o evento, sem que houvesse qualquer tipo de resistência ao festejo. O quadro nos remete também a hierarquia social existente nessa sociedade e às relações entre as autoridades competentes e a população africana, entre senhores e escravos, as quais permitiam certo tipo de dominação aos primeiros e de autonomia aos últimos⁶.

A próxima imagem é do conterrâneo Victor Meirelles e se chama *Uma rua na cidade de Desterro*, chamada na época de Rua Augusta, atualmente Rua João Pinto. O cenário retratado é o sobrado de João Pinto da Luz, proprietário do imóvel situado ao lado direito da imagem, esquina do então recém-edificado Primeiro Mercado Público de Desterro. Victor Meirelles, pintor muito respeitado no Império, autor da clássica obra *A Primeira Missa no Brasil (1860)*, comunicou por meio de sua arte à comunidade erudita da Corte a situação do entorno de onde fora construído o primeiro mercado da cidade.

O local de construção do primeiro mercado público foi motivo de disputas políticas no interior da elite local. Em 1857 havia eleição para a única vaga de representação nacional disputada na província de Santa Catarina e no local havia dois candidatos em disputa. Joaquim Augusto do Livramento, candidato favorável à construção do mercado no coração da cidade – e por isso apelidado de “barraquista” – era apoiado por João Pinto da Luz, morador no sobrado anexo a esquina do mercado e um possível beneficiado da movimentação causada pela dinâmica do mercado, situado próximo a sua loja de secos e molhados, que ficava sob seus olhos, bem abaixo de sua residência.

6 SILVA, Jaime José. Entre a diversão e as proibições, *ibidem*.

Figura 2: Victor Meirelles: Uma rua da cidade do Desterro, 1851. Óleo sobre papel, 34,2 x 49,3 cm.



Fonte: Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Nesta imagem podemos presenciar algumas quitandeiras que vendiam seus produtos no centro da cidade. Tais mulheres estão caracterizadas tradicionalmente com panos “da Costa”, indumentária típica de escravas provenientes da região da “Costa da Mina”. Pode-se perceber que pessoas livres estão representadas com cartola e paletó, caracterizando uma distinção entre livres e escravos, como se pintados fossem em uma manhã fria do mês de julho, por mais que o Primeiro Mercado Público de Desterro, inaugurado no mesmo ano da pintura de Victor Meirelles tenha se dado em janeiro de 1851. A diferenciação social feita pelo autor se passou pelo vestuário que caracterizou as diversas manifestações. O escravo carregador no canto esquerdo da imagem carrega as malas de um viajante e está descalço e com camisetas de pouca manga.

Uma rua na cidade de Desterro apresenta diversos atores sociais de descendência africana. Mas o que caracteriza essa imagem é a presença de todos esses elementos desacompanhados de seus respectivos senhores. Essa não é uma típica imagem de Jean-Baptiste Debret, como aquelas que representam os feitores castigando os escravos, o árduo trabalho dos escravos nos trabalhos de engenhos e corte de madeira, do caráter violento da escravidão. Se Debret procurava denunciar o caráter desumano e violento da escravidão, Victor Meirelles ao pintar os sobrados de magnífica grandeza de comerciantes do século XIX,

representou a Rua Augusta frequentada de indivíduos de diferentes extratos sociais, com seus relativos graus de liberdade. Mesmo que fosse propriedade de outrem, os escravos ligados à região urbana possuíam maiores chances de ascensão social, de acumular pecúlio para compra de sua alforria, e podiam também ficar um pouco mais longe da vigilância dos seus senhores para circular pela cidade.

A próxima imagem é do lugar não pintado por Victor Meirelles: o Primeiro Mercado Público de Desterro. Nela, o autor Josef Brüggemann pinta o local adjacente ao porto e o lugar de maior dinamismo na vida social de Desterro no século XIX.

Figura 3: Josef Brüggemann: Mercado de Desterro, 1867. Litografia Schwazer & Rohlacher



Fonte: Acervo Ylmar Corrêa Neto.

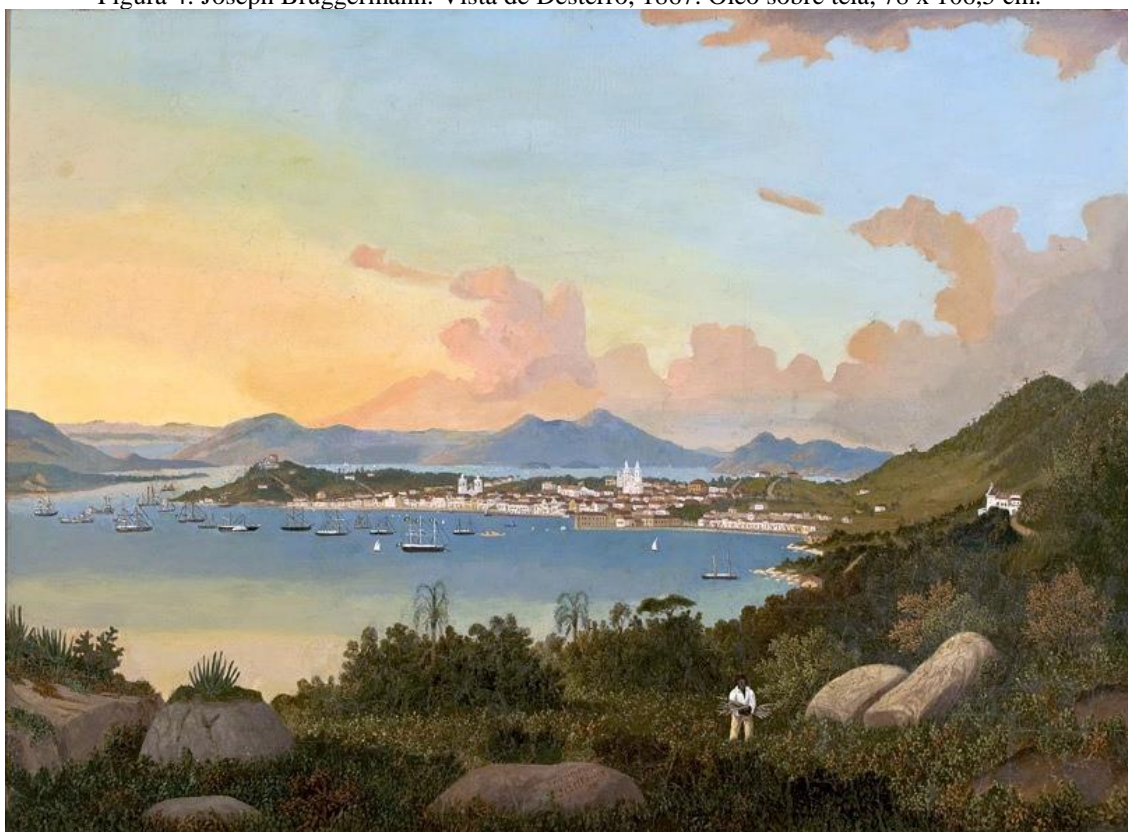
Logo que chegou à Ilha de Santa Catarina este autor tratou de representar o trapiche por onde desembarcou (na imagem, a esquerda), bem ao lado do Primeiro Mercado Público de Desterro, construído em 1851. Nesta imagem, representou as quitadeiras com seus cestos e uma espécie de acúmulo de pessoas na região central. Tais mulheres abasteciam a região portuária com seus alimentos. Pode-se perceber por essa imagem a venda de gêneros alimentícios ao lado de fora do mercado. O novo regulamento desse mercado dizia que os escravos não poderiam demorar mais do que o tempo necessário para fazer suas compras no interior do mercado. Além disso, as casinhas no interior do mercado só poderiam ser alugadas a pessoas livres, e escravos só poderiam trabalhar em seu interior com a autorização de seus senhores⁷.

7 POPINIGIS, Fabiane. Africanos e descendentes na história do primeiro mercado público de Desterro. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti & VIDA, Joseane Zimmermann. (orgs) **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

O que podemos perceber por meio dessa imagem é que mesmo que o regulamento do primeiro Mercado Público de Desterro impedisse a concentração de escravos por um período superior ao tempo necessário para fazer suas compras e que fosse proibida a sua permanência no seu interior, esses sujeitos continuavam com sua atividade de ambulantes pelas ruas de Desterro, vendendo seus produtos de quitandas do lado de fora. Além de que, evidentemente, o regulamento do Novo Mercado não se traduziu ao afastamento de indivíduos de origem africana do comércio de gêneros, mas antes restringiu sua participação do lado de dentro da praça de mercado. É possível que os indivíduos sentados em torno do prédio do mercado, representados ao fundo da imagem, fossem mendigos, vendedores informais, batuqueiros, e que sua permanência neste local fosse indesejada por muitas autoridades.

No mesmo ano, este autor pintou a *Vista de Desterro*, último obra a ser analisada neste artigo.

Figura 4: Joseph Brüggermann: Vista de Desterro, 1867. Óleo sobre tela, 78 x 106,5 cm.



Fonte: São Paulo, Museu de Arte de São Paulo.

Seguindo com os registros pictóricos do viajante alemão, após representar o mercado público de Desterro, este continua seu esforço em pintar o porto da freguesia de mesmo nome. Talvez o que mais chamou a atenção de Joseph foi a intensa movimentação dos negros em

frente à principal praça da cidade. Dessa vez com o porto ao fundo, o autor pinta outra vez o local da sua chegada na cidade, agora por outro ângulo, situado na baía do Saco dos Limões, de onde só assim poderia obter o parâmetro perfeito para registrar a chegada dos navios até o porto e a dimensão dessa movimentação de barcos em torno da região portuária. Ao pintar a sua *Vista de Desterro*, o autor representou a movimentação portuária no local e também a forte ligação existente entre a população da vila e sua orla marítima.

Em *Vista de Desterro*, Josef Brüggmann colocou em primeiro plano, cuidadosamente, um negro colhendo cana ou praticando algum serviço rural. Alguns viajantes afirmam que as raízes da mandioca, principal produto exportado na província de Santa Catarina, poderiam alcançar até dois metros de comprimento⁸ e, quem sabe, o autor estivesse tentando representar o tipo de sujeito que dava movimento ao porto, o trabalho escravo da produção, colheita, beneficiamento e embarque da produção daquilo que era produzido na Ilha de Santa Catarina, especialmente, a farinha de mandioca.

Ao colocar a presença africana em primeiro plano, mesmo que representada através de um único escravo, e ao fundo a intensa movimentação de embarcações na região portuária, o autor nos convida a imaginar que tudo que se vê ao fundo e ao entorno da praça está diretamente ligado ao único personagem do quadro. É como se todos os olhares que mirasse ao fundo do quadro atravessassem a imagem de um negro, sem o qual nada se fazia em Desterro. Ao segurar sua matéria prima, com os braços abaixados, cansado da labuta diária, mas com devida postura, o autor representou toda a população de origem africana na Praça de Desterro por intermédio de um único sujeito. Como se estivesse posando para a pintura, ao negro no quadro é atribuído um sentido laboral. Ao invés de pintar os negros sentados, como na sua primeira representação, ou exercendo seus ofícios sentados no mercado, dessa vez o autor procurou representar a produção das mercadorias agrícolas. Nessa imagem, Joseph Brüggermann representou a força de trabalho dos indivíduos de origem africana e os situou na hierarquia social de Desterro como trabalhadores de engenhos.

Considerações finais

Ao analisar as representações artísticas da presença africana na região portuária da cidade de Desterro no século XIX, pode-se perceber que os africanos estavam não somente

8 HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 4ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC/ Editora Lunardelli, 1996.



presentes nessa sociedade (fato já há muito tempo debatido e verificado pela historiografia local), como se procurou problematizar tais criações a partir da sua contextualização. Diante das imagens acima, podemos rastrear os indivíduos de procedência africana no coração da vila de Desterro, mulheres e homens que se voltavam ao meio urbano, ora exercendo seus ofícios em atividades relacionadas ao porto, ora profetizando sua fé em dias festivos, nos seus espaços de sociabilidade, em momentos de solidariedade, ações que puderam atribuir sentido às suas vidas.

Ao analisar as obras, não respondemos somente: “sim, eles estavam ali!”, mas, sobretudo, podemos pensar como foram representados, por quais motivos foram representados de tal maneira e, ainda, o que as imagens nos revelam sobre como viveu uma parcela da sociedade, formada por africanos e seus descendentes, os quais estavam ali presentes na sociedade como os imigrantes portugueses, mas que mesmo assim, foram esquecidos em nome de uma suposta “açorianidade” atribuída a formação cultural da população da Ilha de Santa Catarina.

A análise dessas imagens também nos contou um pouco mais sobre a hierarquia existente neste momento em Desterro. Elas evidenciam as tentativas de controle e de autonomia da população de origem africana. As pinturas sobre o trabalho escravo na região de Desterro evidenciam a importância da mão de obra escrava para o provento da região e o lugar que ocuparam na hierarquia social e na divisão do trabalho na Ilha de Santa Catarina durante o século XIX.

Referências

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 3 ed., Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

GERLACH, Gilberto Schmidt (Org.) **Desterro: Ilha de Santa Catarina**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2010. 2 t.

HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. 4ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC/ Editora Lunardelli, 1996.



Representações artísticas sobre a presença africana em Desterro (Ilha de Santa Catarina) no século XIX – André Fernandes Passos

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti & VIDA, Joseane Zimmermann. (orgs) **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina**. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, 1982.

PIAZZA, Walter F. **O escravo numa economia minifundiária**. São Paulo: Resenha Universitária, [s.i.].

PIAZZA, Walter Fernando. **A epopeia açórico-madeirense**. (1748-1756). Florianópolis: Editora da UFSC/Lunardelli, 1992.

POPINIGIS, Fabiane. Africanos e descendentes na história do primeiro mercado público de Desterro. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti & VIDA, Joseane Zimmermann. (orgs) **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

SILVA, Jaime José. Entre a diversão e as proibições: as festas de escravos e libertos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti & VIDA, Joseane Zimmermann. (orgs) **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

VARZEA, Virgílio. **Santa Catarina: A Ilha**. Florianópolis. IOESC, 1984.

Fontes

Tilesius Von Tilenau. **Uma festa de negros no Largo da Matriz de Desterro (1803-1804)**. Acervo Ylmar Corrêa Neto.

Victor Meirelles. **Uma rua da cidade do Desterro, 1851**. Museu Nacional de Belas Artes.

Josef Brüggemann. **Mercado de Desterro, 1867**. Acervo Ylmar Corrêa Neto.

Joseph Brüggemann. **Vista de Desterro, 1867**. Museu de Arte de São Paulo.

Recebido em 31 de março de 2015.

Aceito para publicação em 15 de agosto de 2019.

